TRÊS ENSAIOS
Oficina *serrote* + Flip

ANNA VIRGINIA BALLOUSSIER
DANIEL MARTINS DE BARROS
VANESSA C. RODRIGUES

serrote
casaAzul
FLIP

Este ebook é resultado da Oficina Literária realizada em conjunto pela Festa Literária Internacional de Paraty, a Flip, e a ***serrote***, revista de ensaios do Instituto Moreira Salles, durante a 11ª edição do evento, em julho de 2013. Ministradas por Paulo Roberto Pires, editor da ***serrote***, as aulas tiveram a participação dos escritores Francisco Bosco e Geoff Dyer, a quem agradecemos pela gentileza e colaboração no projeto.

Os organizadores

INTRODUÇÃO

Peripécias da inteligência

PAULO ROBERTO PIRES

No Brasil, ensaio é quase sempre sinônimo de erudição, academicismo e empolação. Pior para nós se, por aqui, o gênero não prosperou como em outras latitudes, onde ensaio é o texto elegante e claro, em que inteligência e curiosidade estendem a mão ao leitor. O ensaísta não dá lição: ele convida a um passeio pelo assunto que elege. Para parecer à vontade, trabalha duro. Para ser complexo, se dá ares de simplicidade.

É esta ideia de ensaio que a ***serrote*** cultiva há cinco anos e que esteve no centro da Oficina Literária promovida em conjunto com a Flip. Em quase nove horas de conversas com as participações especialíssimas de Francisco Bosco e Geoff Dyer, dezessete pessoas de perfis variados mergulharam em conceitos, exemplos e experiências para nutrir projetos desenvolvidos posteriormente.

O resultado da maratona foi, para mim, mais do que compensador. Os ensaios, que li, ao lado das minhas anotações feitas nas aulas, são testemunho do quanto valeu a pena, para todos nós, abrir mão de bons debates, manhãs esplendorosas e pantagruélicas sessões de comida e bebida. Não atestam um aprendizado, pois não havia nada a ensinar. Mas reagem às provocações que fiz em três dias de conversas, reafirmando com convicção a divisa de Montaigne: "Vou, inquiridor e ignorante".

É assim que caminham os ensaios aqui publicados, encontros felizes de curiosidade com inteligência. Minha escolha não proclama vencedores, pois não houve competição nem tenho vocação para juiz. Mas reflete, isso sim, raciocínios e estilos que, para mim, definem um bom ensaio em qualquer contexto ou situação.

Anna Virginia Balloussier e Vanessa Rodrigues, *ladies first*, usam a primeira pessoa para além do próprio umbigo. A jornalista que se debate com

as dificuldades de lidar com o mundo evangélico brasileiro e a escritora que encontra na filosofia e na literatura a chave para decifrar uma cena da infância são narradoras críticas e autocríticas no sutil entrelaçamento entre o lido e o vivido. Médico, Daniel Martins de Barros convoca Calvin (e o tigre Haroldo) para, com Joseph Conrad, Freud e Stanley Kubrick, entender melhor o medo, o pânico e outros sintomas da angústia de todos nós.

Liberdade e independência intelectual são denominadores comuns aos três ensaios. Seus autores sabem do que estão falando e, por isso, dão consistência e sinceridade à escrita. Nenhum deles promete novidade ou conclusões peremptórias, cientes que estão de que, no ensaio, o caminho é mais importante do que a chegada.

E, aí eu garanto, vale a pena embarcar em cada uma dessas viagens, que, entre Paraty e o seu computador ou *reader*, fazem jus à definição do escritor triestino Claudio Magris, para quem o ensaio é a peripécia da inteligência.

Rio de Janeiro, novembro de 2013

Entre os crentes

ANNA VIRGINIA BALLOUSSIER

Por experiência própria, eu diria que ficam em 87,46% as chances de você ir a um culto evangélico e encontrar alguma cena similar a estas: fiéis gesticulando freneticamente tal qual o Campeonato Mundial de Bonecões do Posto, como se a qualquer momento pudessem descambar para uma versão "A.L.E.L.U.I.A." de "Y.M.C.A."; o pastor com abotoaduras de ouro que reluzem feito *nuggets* recém-saídos do óleo fervente, gritando alguma coisa na linha "E NO OITAVO DIA DEUS CRIOU O CHEQUE ESPECIAL!"; ajudantes da igreja escaneando o ambiente feito drones, à caça de quem ainda não pegou um envelope para depositar as notas (vinte reais para cima) do dízimo ("crédito ou débito?" – também vale).

Num levantamento provavelmente mais rigoroso, o censo do IBGE aponta que, entre 2000 e 2010, a proporção de católicos no Brasil caiu de 74% para 64,5%, enquanto a percentagem de evangélicos galopou de 15% para 22%. Eram 26 milhões e foram para 42 milhões, aumento de 60%. E isso há três anos: hoje, estima-se que três em cada dez brasileiros sigam a religião.

A.L.E.L.U.I.A. para eles, nem tanto para adeptos de um silencioso pacto de escárnio em relação a essa religião, comumente associada ao que há de mais atrasado em matéria de direitos humanos. Sem rodeios: malhar evangélico, em círculos meio intelectuais, meio de esquerda, é quase uma modalidade olímpica.

Por anos a fio, eles não passaram de gente com uma Bíblia sob o sovaco e mil dogmas na cabeça. Mas aí vieram nomes como Edir Macedo e Silas Malafaia e outros grupos neopentecostais, cuja novidade sugerida no prefixo advinha de três palavrinhas mágicas: teologia da prosperidade. Ela assegura que é possível trazer para o plano terrestre – aqui, agora – o prometido show

pirotécnico do fim do túnel, se preciso mediante dez parcelas sem juros. Acabou esta história de que o sofrimento em vida acumula créditos para o post mortem.

Reginaldo Prandi, professor de sociologia da USP e especialista em cultos afro-brasileiros, aplicou uma teoria evolucionista ao fenômeno, em artigo para a Ilustríssima, suplemento dominical da *Folha de S.Paulo*: na medida em que "a âncora da economia muda do trabalhador que produz para o consumidor", o pentecostalismo teve de se adaptar.

"A nova teologia promete que se pode contar com Deus para realizar qualquer sonho de consumo", diz um dos autores de *A realidade social das religiões no Brasil*. "Em suma, já não se consegue, como antes, distinguir um pentecostal na multidão por suas roupas, cabelo e postura. Tudo foi ajustado a novas condições de vida num país cujo governo se gaba do (duvidoso) surgimento de certa 'nova classe média', de fato cliente preferencial das lojas de R$ 1,99."

Essa nova onda evangélica dominou as madrugadas da TV aberta e, com a abertura de filiais da fé em cada esquina, inspirou trocadilhos como "templo é dinheiro". Em entrevista à *Veja* em 1997, o pastor José Wellington Bezerra da Costa, à frente da Assembleia de Deus – Ministério Belém, a maior denominação crente do país, *ironizou* (verbo usado pela publicação): "Onde tem Coca-Cola, Correios e Bradesco tem uma Assembleia de Deus".

Eu sempre odiei Coca-Cola, não ia aos Correios desde 1997, quando enviei aos Estados Unidos uma carta de amor para um integrante dos Backstreet Boys (o loirinho), e ainda preservava minha conta universitária no Banco do Brasil. Ou seja, não tinha nada a ver com aquilo. Sobretudo com evangélicos.

Em 2010, então caloura no jornal *Folha de S.Paulo*, vinda de uma fornada fresquinha de *trainees*, fui designada para a editoria de política. Era ano eleitoral e, numa guinada atribuída a forças religiosas, o aborto virou questão central no debate público. Líderes católicos e evangélicos cobravam uma posição dos presidenciáveis Dilma Rousseff, José Serra e Marina Silva. Jornais produziam reportagens lembrando o que os três já haviam afirmado sobre o tema no passado, para evidenciar incoerências entre os ditos de hoje e de ontem.

Dilma era a mais lascada: em 2007, ainda ministra da Casa Civil de Lula, ela defendera em sabatina da *Folha* a descriminalização do aborto ("hoje, no Brasil, é um absurdo que não haja"). Agora, sua equipe rebolava tentando inventar uma saída honrosa para essas declarações, nos moldes de "veja, não é bem assim". A força política das igrejas parecia ser tamanha que, àquela altura, seria suicídio político para qualquer candidato não sair em campanha vestindo uma camisa com os dizeres "EU AMO A VIDA!!!", em caixa alta e Comic Sans, preferencialmente com a foto de um bebê gorducho fantasiado de margarida.

Na redação, alguns jornalistas nutriam a moribunda esperança de que discutíssemos assuntos mais relevantes – que tal a promessa de construir

sabe-se lá quantas creches nos próximos anos? Hein? Um superavitzinho primário? Alguém? Ou, ao menos, tópicos mais engraçados, como o objeto que atingiu em cheio a cabeça de Serra durante um ato de campanha: a alardeada bigorna da ACME que, no fim das contas, se revelou ser apenas uma bolinha de papel (matéria-prima para um novelo de chacotas no Twitter e no Facebook, incluindo falsas manchetes do tipo "Polícia encontra pacote com 500 folhas de papel A4 em comitê de Dilma").

Causava certa indisposição, entre nós, o protagonismo do aborto. Gostaríamos que a opinião pública estivesse um pouco mais à esquerda. Estava bem claro, para a maioria, que a mulher deve ser livre para fazer o que bem entender com seu corpo, e que tratar como "ser humano assassinado" o amontoado de células nas primeiras semanas de gravidez fazia tanto sentido quanto acusar de genocídio um garoto de 11 anos no banheiro diante de sua primeira *Playboy*.

Mas não tinha jeito de abortar o aborto.

A editora Vera Magalhães, com quem eu compartilhava o gosto por bandas *indies* de nomes estranhos, coisas do tipo Space Monkeys of Goiânia, tinha algumas missões para mim. Tarefas que repórteres mais calejados viam como de iniciantes, mas que eu topava com o entusiasmo da foca, apelido dado aos novatos no jornalismo, pois esses só faltam bater palminhas e equilibrar bolas coloridas sobre o nariz enquanto o chefe de reportagem esperneia alguma coisa sobre terem esquecido de digitar o "V" do deputado Carvalho na legenda da página 7.

Nada, afinal, poderia ser mais importante do que assistir a todos os horários eleitorais, manhã, tarde e noite (uma das "missões"). O inesquecível ano do bordão "pior que tá não fica", de Tiririca. O ano em que era possível ligar a TV e ver Ronaldo Esper, aquele estilista que foi parar na delegacia após roubar vasos de um cemitério anos atrás, quebrar um recipiente em plena propaganda política e se sair com esta: "Quem disse que vaso ruim não quebra?". (A quem interessar possa: ele concorreu à Câmara dos Deputados pelo Partido Trabalhista Cristão e ficou de fora, com 0,02% dos votos, ou 3.354 entusiastas.)

Pois bem: esta era a nova incumbência da intrépida repórter Anna Virginia Balloussier, dois "N" em Anna, sem acento no Virginia, dois "L" e dois "S" no Balloussier (sempre erravam): eu deveria frequentar quantos cultos e missas conseguisse para saber o que pastores e padres andavam falando sobre política. Havia um palpite de que a orelha de Dilma estava mais vermelha do que bandeira do PT.

Calculo que, numa média de três vezes por dia, mais alguns fins de semana, fui a cerca de 80 missas e cultos durante um mês (o pacote deveria cobrir católicos e evangélicos, que formavam a camada populacional mais espessa do Brasil).

Como ninguém ali sacava muito do mundo evangélico, e ainda não haviam editado o *Guia da pregação: Os melhores points para louvar o senhor*, eu não fazia ideia de por onde começar. Sem qualquer espécie de GPS gospel, precisava me localizar num sem fim de cultos de tantas igrejas diferentes, da Comunidade Batista Intervidas à Igreja do Evangelho Quadrangular.

Às 21h56 do dia 6 de outubro de 2010, sujei o "enter" do meu teclado com o ketchup do hambúrguer para enviar o seguinte e-mail aos meus editores (Vera, a titular, e os assistentes Alan, Alec, Scolese e Pedro):

> Caros,
>
> Hoje fui em cinco igrejas (duas católicas, três evangélicas) pra saber se rola ou não campanha anti (ou pró) Dilma.
>
> Amanhã faço um relatório decente (estou morta, louvei muito nosso bom Senhor hoje), mas adianto:
>
> O debate do aborto não aconteceu em nenhuma delas.
>
> No máximo, num dos cultos, o pastor citou dois deputados que eles conseguiram eleger. E o jornalzinho da Universal tem matéria de contracapa pra defender a Dilma. Título: "Boato do mal".
>
> As igrejas: duas em Heliópolis (uma católica, outra evangélica), uma Universal na rua das Palmeiras, aquele templo bizarro da Igreja Internacional da Graça de Deus (na av. São João) e a igrejinha perto do metrô Santa Cecília.
>
> Amanhã caçarei algumas abertamente anti-Dilma. E também aquele megatemplo da Pentecostal, na av. do Estado.
>
> Amém.
>
> *Anna Virginia Balloussier*
> Editoria de Poder – *Folha de S.Paulo*

Um dos editores me respondeu com sete palavras, exatos 41 minutos depois: "boa, anna virgínia. não vá se converter!". (Virginia com acento.)

É importante esclarecer desde já: esse risco nunca existiu. Verdade que, passada a eleição, eu continuei visitando templos, e não vai demorar muito para você perceber que é disto que estamos falando: como, de uma hora para outra, *os crentes* passaram a exercer tamanho fascínio sobre mim. Mas em momento algum consegui, por mais que me esforçasse, me colocar no lugar (a ponto de me ver um dia tomando atitude afim) daquelas pessoas e entender o que sentiam ao esvaziar os pulmões, numa quarta-feira à noite, no mais gutural berro de

> aaaaaaAAAAALEEEELUUUUIIIIIIIIIIIIIIAAAAAAA!!!

Meu Deus! Seu Deus! Elas *realmente* pareciam acreditar naquilo. *Naquilo*. Por que não achavam tudo um pouco ridículo, como eu? Sempre invejei a capacidade que algumas pessoas têm de desligar o interruptor da autocrítica e da timidez. Um simples clique!, e estava tudo liberado: formar uma fila de conga-conga-conga com tios e primos em festa de Natal, cantar *É o Tchan no Havaí* no caraoquê com colegas da firma ou, no caso, expor-se tão escancaradamente – chorar, gargalhar, dançar, sacudir-se para frente e para trás, *louvar muito nosso bom Senhor* – na frente de tanta gente.

Anotei certa vez a seguinte constatação, e, embora não lembre o autor (um sociólogo, acho), ela reflete um pensamento recorrente: "De fato, é chocante ver tanta gente pobre, fraca, desdentada, malvestida, dar tanto dinheiro para pastores jovens, bem-vestidos, com saúde, de carro novo e com aparência de uma classe mais alta". De fato. Só que, depois de visitar algumas dessas igrejas, deixou de fazer sentido lançar a manjada carta da massa manipulada. A experiência toda era muito plural. E, já que estamos sendo sinceros aqui, meus códigos culturais estavam um tanto deslocados, desengonçados como a girafinha recém-nascida que luta para parar de pé com seus 1,85 m (a altura da Ana Hickmann). Logo, seria injusto fazer qualquer julgamento com base neles. Não consigo sequer querer julgar o que não compreendo.

"Não se pode esconder ou apoiar-se em discursos prontos e em análises que partem sempre de referenciais monolíticos, porque o fenômeno é completamente novo."

Foi num livrinho achado num sebo da rua Augusta que encontrei essa definição, que imediatamente ganhou minha simpatia (justamente por não cravar nada). *A expressão popular do sagrado*: o título em caixa alta, contraposto a um fundo em vermelho e preto, similar àquelas texturas aleatórias oferecidas como fundo de tela do computador no pacote Windows. A foto do autor na contracapa recordava um pouco a do falecido cantor Wando, com o mesmo topete crispado e as mesmas bochechas sobressalentes.

Pelo Google, descubro que Paulo Bonfatti ganhou o Prêmio Jabuti (categoria religião) por sua "análise psicoantropológica da Igreja Universal do Reino de Deus", em 2001. (Eu tinha 14 anos na época e, com a paixão pelos Backstreet Boys havia muito superada, começava a ler coisas como *O Anticristo* de Nietzsche – do qual hoje sou incapaz de recordar uma linha, a bem da verdade.)

Fiquei em êxtase ao testemunhar esse "fenômeno completamente novo" pela primeira vez, numa Igreja Universal de dimensões modestas na rua das Palmeiras, ensanduichada entre um cartório e uma loja de roupas baratas (pijama da Barbie: R$ 14,99), no centro de São Paulo. A reportagem ia se moldando na minha cabeça como um punhado de argila nas mãos de Demi Moore em *Ghost*. Começaria com uma descrição mais sacaninha do corpo e do sangue de Cristo que os cerca de 50 fiéis receberam dos obreiros (como

são chamados os ajudantes do pastor): pão de forma que eu chutava ser da marca Pullman, cortado em quadradinhos do tamanho da impressão digital de um dedão, e suco de uva Maguary, servido em copinhos de plástico branco, daqueles para servir café numa reunião de condomínio. Em algum momento, eu não teria escolha senão mencionar como, na metade das quase duas horas de pregação, o pregador da gravata roxa cintilante nos fez passar por baixo de uma estrutura gigantesca com aparência de isopor pintado com canetinha marrom, que se assemelhava a um carro alegórico e foi batizada de "Arco do Pecador". E, claro, terminaria com relatos sobre a insistente cobrança do dízimo, sempre ele.

Uma das experiências mais bizarras aconteceu uma semana depois, naquele colossal templo na Baixada do Glicério. O prédio inteiro, visto por quem passa de carro pela avenida do Estado, parece um monumental bolo de aniversário infantil, com listras nas cores do arco-íris embalando a borda superior da construção. Assim que atravessei a porta, me senti como penetra na festinha de oito anos de um adorável gigante chamado Purpurine.

Lá dentro, centenas de cadeiras de plástico, como as que um tio compra nas Lojas Americanas para receber amigos de sunga e pochete num churrasco em volta da piscina. O teto era altíssimo. A maioria dos lugares estava vaga. Os fiéis aparentavam ser de origem bem simples, talvez por se tratar de um lugar degradado de São Paulo.

A Igreja Pentecostal Deus É Amor segue uma linha mais conservadora (seu regulamento proíbe até homens de bigode, costeletas e cabelos compridos – ou seja, 95% dos meus amigos). Os religiosos acreditam que, inspirados pelo Espírito Santo, os primeiros seguidores de Jesus discursaram em Jerusalém numa língua divina, e que todos a compreenderam bem, como se ela fosse instantaneamente traduzida para o idioma de cada pessoa presente. No púlpito da Deus É Amor, um homem falava numa língua estranha que eu não era capaz de decifrar. Como um português de Portugal em fast-forward. Fiquei sem saber se em sua pregação havia menções a Dilma ou se de repente ele estava lendo um trecho da página 127 do *Ulysses*.

Situações como essa continuavam a se repetir e, se a princípio pareciam uma cornucópia de delírios crentes e textos céticos, aos poucos minha lente da ironia pura e simples começou a embaçar. Era fácil demais percorrer esse caminho. No reduto dos crentes, não me cabia ser o português que desembarcava na praia com a autoglorificada promessa da civilização. Eu queria conhecer cada um dos pastores, dos obreiros, dos seguidores. Se não podia lhes oferecer compreensão, que ao menos ofertasse o benefício da dúvida.

Em *Pulphead*, John Jeremiah Sullivan escreve sobre sua experiência no Festival Cross-Over, "três dias das principais bandas cristãs e seu público numa reserva isolada no Meio-Oeste". No livro, o ensaísta norte-americano relata a facilidade que teria em exibir seu crachá de imprensa, descolar uma ou outra

declaração sobre "toda música glorifica o Senhor quando é tocada com um espírito amoroso" e então "eu rabiscaria cada vírgula sorrindo por dentro".

Meses após a estreia na Igreja Universal (e anos antes de descobrir a literatura de Sullivan), eu faria uma reportagem sobre "a versão carola de Woodstock: 48 horas acampada ao lado de 100 mil jovens católicos, com direito a fila para banho, frio na barraca e padres tratados como rockstar". O evento em questão se chamava PHN (Por Hoje Não), de "por hoje não vou pecar", e era organizado pela Canção Nova, movimento carismático que tenta modernizar a Igreja Católica – e que, por isso, tira o movimento evangélico para dançar.

Descrevi um missionário de blusa apertada e cabelo brancão como "um Lulu Santos da cristandade". Entrevistei uma menina que reclamou da presença de "coisas estranhas" ("Tem muito gay, e a Igreja é contra o homossexualismo... O povo com aquela roupinha colada, cabelinho na cara... Tá fazendo o que aqui?"). Destaquei a participação dos funkeiros que, em vez de "créu", cantavam "céééééu, céééééu", e emendavam com "bate na palma da mão quem tem Jesus no coração". Disse, por fim, que a positividade do missionário Dunga, criador do PHN, me fazia lembrar "um Bono Vox da Igreja".

Com a matéria publicada, recebi centenas de e-mails e mensagens nas redes sociais, dois ou três insinuando que seria melhor que eu caísse morta de uma vez. Transcrevo um dos comentários mais leves do leitorado: "Muitas insinuações, pouca objetividade, sem coordenação, enfim, um jornalismo tosco". Um amigo, na época, chegou a comparar: escrever sobre religião, qualquer que seja, não é tão diferente assim de mergulhar num tanque de mel e atravessar um campo de abelhas em ritmo de marcha atlética.

Continua sendo. Nos últimos três anos, já comparei o pastor Silas Malafaia pregando a John Travolta com o dedinho para o lado na coreografia de *Grease*. Escrevi que é Deus no céu e o quadro do Romero Britto na parede da ultramaquiada bispa Sônia Hernandes, da Renascer. Lembrei que, enquanto Wando falava de "raio, estrela e luar", o pop gospel homônimo *Fogo e paixão*, do bispo Robson Rodovalho (da igreja Sara Nossa Terra), homenageia Jesus, "raio de alegria que veio me encontrar". Pasme é que nenhum deles reclamou. Pelo contrário. Reagiram bem ao humor e um ou outro agradeceu a transcrição literal de sua fala na matéria (como se isso fosse um favor do jornalismo). Queriam ser vistos, em vez de ignorados, creio eu.

Entrevistei praticamente todos os líderes evangélicos com destaque na TV aberta, com exceção do bispo Edir Macedo, da Igreja Universal. Macedo, o mais inatingível deles, eu só conheci em cima do palco, durante um culto no megatemplo da avenida Santo Amaro, numa terça-feira à noite. Foi lá que ele vociferou: "Este mundo todo me odeia. Não é verdade? É ou não é? Nos jornais, metem o cacete no bispo Macedo. Eles dizem: este país só vai mudar quando o bispo Macedo morrer."

Não sei se é ou não é, mas entendo o ponto dele. Karina Bellotti, doutora em história, é uma das poucas acadêmicas que estudam a relação entre evangélicos e "mídia secular" (como eles chamam quem não é da religião) no país. É dela a síntese:

> Nos anos 1990, em especial após a compra da Record por Edir Macedo, muitos se perguntavam quem era este grupo e como ele havia alcançado esta visibilidade. Reportagens exibindo cultos da Universal em estádios, com sacos de dinheiro sendo abençoados, foram mostrados de forma demonizadora, sendo contrapostas a depoimentos de outros religiosos que condenavam a prática, afirmando que isso não era cristianismo.

O clima belicoso teve seu ápice em 1995, com o episódio do "chute na santa", quando um ex-bispo da Universal treinou caratê na estátua de uma santa católica (evangélicos, aliás, não acreditam em nenhum tipo de santo), no programa *O Despertar da Fé*, da Record. A Globo respondeu com a minissérie *Decadência*, na qual Edson Celulari interpretava um pastor sem escrúpulos.

Mas hoje é um novo dia de um novo tempo que começou entre a Globo e os evangélicos. A rede tem se aproximado desse público, "porque tem lhe conferido não somente um peso de formação de opinião, mas também de mercado consumidor", me escreve Karina por e-mail. Artistas gospel têm um selo específico na Som Livre, tocam no *Domingão do Faustão* e emplacam música em trilha sonora de novela. Bispos ganham tour no Projac, ciceroneados por membros do alto escalão global. João Roberto Marinho, vice-presidente das Organizações Globo, recebe Silas Malafaia em seu escritório (o mesmo Malafaia que, em vídeo de 2008, de bigodinho canastrão, descia o pau na Globo).

O pastor Ronaldo Didini tem fotos com o bispo Macedo em Jerusalém (os dois com lenços árabes cobrindo a boca), em seu escritório na frente do Hospital do Coração, na Vila Mariana. Hoje, Didini é o braço direito de um ex-braço direito do líder da Universal, o apóstolo Valdemiro Santiago, que usa chapéus de vaqueiro (réplicas à venda em seu site por R$ 49,90) e lidera a Igreja Mundial do Poder de Deus. Ele conta: "A *Folha* foi o primeiro jornal a falar da gente sem aspas, sabia? Todo mundo achava que bispo tinha que ter aspas, porque o de verdade só na Igreja Católica."

Em sua asserção mais neutra, evangélico significa aquilo "que se apresenta em conformidade com os princípios do Evangelho". Pode ser resumido assim também:

> Vem da palavra EVANGÉLHO, que é todo ensinamento que Jesus deixo para os apótolos praticarem e passarem adiante para o povo. Então evangélico é pura e simplismente a pessoa que teme, respeita, e pratica os ensinamentos deixados por Jesus.

> Aqui vai o primeiro e principal: 'amarás ao teu próximo como a ti mesmo'!" (Definição postada, *ipsis litteris*, pela usuária de nome Crazy no Yahoo Respostas, há sete anos.)

Muitas vezes me questionam "qual é o meu lance" com os evangélicos, porque defendo mais espaço para eles na página do jornal e na trincheira acadêmica. Tenho uma resposta objetiva: não há como ignorar a presença de um segmento tão numeroso da sociedade. Há também uma resposta mais subjetiva: não encontro motivo para fechar os ouvidos às suas demandas, por mais que elas não se alinhem às minhas. É estéril e histérico reduzir uma camada tão plural aos mesmos papéis de sempre: os crentes bitolados que devem ser mantidos em quarentena social, bem distante do que considero ser direitos inalienáveis do indivíduo – como o de abortar um filho indesejado ou o de casar com quem quiser, seja homem, mulher ou um vaso de samambaia chamado Eddy. E encarar essas diferenças de forma consciente, no lugar de "mãe, foram eles que começaram com a cura gay!".

Estudei em dois colégios. Antes do primário, no São Tomás de Aquino, um casarão em Santa Teresa ao lado de uma igreja que nunca frequentei. Depois, no Instituto Metodista Bennett. Lembro de não poder distribuir saquinhos de Cosme e Damião dentro da escola. Minha família, espírita, todo ano comprava doces, e a diversão minha e dos meus irmãos era ajudar a ensacar 200 de cada: maria-mole, pé de moleque etc. Metodistas, contudo, não acreditavam em santos, mesmo se por causa deles as crianças ganhassem doces. Ainda sobre o Bennett: havia uma pastora chamada Glauce, cheinha e com *mullets*, que cantava em eventos especiais uma letra que começava assim: "Deus está em ti, aleluia, tão certo quanto o ar que eu respiro". E, na aula semanal de religião, os alunos tinham que aprender quem era John Wesley (inglês que fundou o metodismo e guarda uma extraordinária semelhança com o senhor das caixas de Aveia Quaker).

Mas nunca, em nenhum dos 11 anos em que estudei lá, pensei no colégio como evangélico. Hoje penso que, nos anos 1990, talvez fosse menor o rebuliço contra os evangélicos, provavelmente por eles estarem em menor fatia populacional.

Quando eu era criança, meu tio, o fotógrafo amazonense Sebastião Barbosa, contou a história de um japonês convocado à delegacia para identificar o autor de um crime. Levaram o homem para aquelas salas iluminadas por uma lâmpada amarela pendurada ao teto apenas por um fio. Ele deveria escolher um dos cinco ou quatro sujeitos enfileirados. O japonês, contudo, foi incapaz de reconhecer o suposto bandido. Teria se desculpado com esta: "Brasileiro é tudo igual, né?".

Eu já era adolescente quando meu avô me deu a xerox de uma *Reader's Digest* do final dos anos 1940. Páginas de um artigo sobre a convivência na

região entre palestinos e os recém-chegados israelenses. O texto preconizava os futuros conflitos (já em gestação) e insistia que era possível, sim, coexistir. Arnaldo (o nome dele) compartilhava seu espanto quando pessoas que são vizinhas há anos de repente viram o pior inimigo um do outro.

Essas duas imagens até hoje me perseguem, por escancararem como é fácil, diante do outro, transformá-lo numa coisa só; ou, para não afrouxar laços com os nossos, aprender a odiar alguém (e a recíproca costuma ser verdadeira).

Celso é um assessor de imprensa carioca, gordinho, mulato, que usa óculos e camisas de manga curta e botão, parecidas com a de um editor que conheci no passado e cujo maior credo era um pôster das Brasileirinhas no descanso de tela do seu computador. Quando conheci Celso, freava qualquer comentário maldoso que me passava pela cabeça – o que não era fácil se, na feira de negócios cristã que ele assessorava, me serviam um copo do "Beijo de Judas" no estande "Cocktail Gospel", drinque de R$ 4 com caju, maracujá, grenadine, leite condensado e zero álcool, apenas um dos refrescos da indústria voltada ao meio. Até que ele me adicionou no Facebook. E nos esbarramos em tantas outras ocasiões. Ele curtia meus comentários sobre *Mad Men* e *Avenida Brasil* e sempre tomava a iniciativa de brincar com as invencionices evangélicas (como a camiseta baseada no chocolate Prestígio, que trazia uma barrinha com o nome de Jesus Cristo e o subtítulo: "Só quem anda com ele tem prestígio"). Hoje, percebo que, naquele primeiro encontro, era eu o japonês que achava Celso igual a qualquer outro evangélico.

ANNA VIRGINIA BALLOUSSIER (1987) nasceu no Rio de Janeiro. É editora-assistente da revista "sãopaulo", da *Folha de S.Paulo*. Formou-se jornalista na UFRJ, cursa ciências sociais na USP e estudará os Brics na Universidade de Columbia, Nova York, em 2014.

Diante da linha de sombra

DANIEL MARTINS DE BARROS

Tremendo dos pés à cabeça, mal conseguindo falar, um soldado é esbofeteado por seu general na tentativa de tirá-lo daquele estado de choque. "Sargento, quero que você arranje a transferência imediata desse bebê do meu regimento", ordena o general. "Não terei meus bravos homens contaminados por ele."

A ambiguidade dos estados ansiosos – meio psicológicos, meio biológicos – explica em parte a indignação do general da Primeira Guerra Mundial retratado no filme *Glória feita de sangue*, um dos primeiros Kubricks. O medo, afinal, está presente em todo o reino animal, mas teoricamente deveria estar sujeito à razão nos homens racionais. Só que nem sempre está.

Beira o óbvio, mas a presença de um sistema de alerta nos organismos aumenta em muito sua chance de sobreviver e, assim, deixar descendentes. Esse mecanismo foi apelidado de reação *fight-or-flight* pelos cientistas anglófonos, muito mais produtivos não só em suas pesquisas, mas também na criação de nomes interessantes para suas descobertas, e se tornou tão vantajoso do ponto de vista adaptativo que fincou raízes na biologia profunda do cérebro de todos os animais. O roteiro é conhecido: diante de uma ameaça súbita há uma reação imediata de congelamento, após a qual a frequência cardíaca e a respiração aceleram, a pressão sobe, os músculos ficam tensos e as pupilas e narinas se dilatam – a adrenalina liberada na corrente sanguínea prepara o corpo para sair correndo o mais rápido possível ou então partir para cima do predador. Dos lambaris aos soldados do Bope, a história é quase sempre a mesma. A principal diferença é que nos mamíferos há o maior peso do componente afetivo. E no homem, ainda por cima, após a resposta involuntária imediata entram em cena os componentes de

deliberação – decidir racionalmente o que fazer – e posteriormente angústia, dada a consciência da situação.

Dizem que a primeira descrição de ataques de ansiedade está no *Timeu*, de Platão. Imaginava-se, então, que o útero se deslocasse dentro do corpo da mulher, e tal movimento errático – à época era chamado de histeria – seria a causa dos sintomas. E já na Antiguidade se notava o caráter duplo desses ataques: havia sintomas físicos que o acompanhavam, como a taquicardia e a tontura, e também sintomas psicológicos, como medo e tensão. Mas os gregos não os chamavam de pânico. Para eles, o medo causado pelo deus Pã tinha um caráter coletivo – Heródoto emprega a palavra pânico quando os atenienses atribuíram sua vitória na batalha de Maratona ao medo disseminado que se abateu sobre os espartanos, por obra desse deus meio homem, meio bode.

Pã era de fato um deus que causava espanto. De aparência assustadora, era dono de um grito capaz de, literalmente, arrepiar os cabelos. Bem mais tarde, Darwin mostraria que isso não acontece só com os homens: "Em todos ou quase todos os animais, mesmo pássaros, o terror faz o corpo tremer. A pele se torna pálida, o suor dispara e o cabelo se arrepia", escreveria em *A expressão das emoções nos homens e nos animais*. Entre os seus passeios pelos bosques tocando flauta, Pã costumava tirar cochilos perto das estradas durante o dia; quando um incauto viajante atrapalhava seu descanso, inadvertidamente o despertando, vingava-se com seu grito, causando a súbita e inesperada descarga de adrenalina em quem era por ele surpreendido. Séculos depois, por um erro de tradução, a medicina incorporaria as travessuras desse deus grego em sua terminologia, chamando de "ataque de pânico" o aumento súbito da ansiedade.

Não deve ser por acaso que a história médica dos ataques de ansiedade está intimamente ligada à história militar. Muito antes dos infelizes soldados em choque, médicos que atuaram na Revolução Francesa já descreviam descontroles nos homens submetidos à tensão da guerra, sendo um dos primeiros nomes desse diagnóstico "coração de soldado". A dimensão física dos sintomas era então predominante na descrição técnica, e o diagnóstico de "coração irritável", estabelecido pelo médico caribenho Jacob da Costa ao examinar os soldados da Guerra Civil americana, foi por muitos anos considerado o nome definitivo – embora alguns combatentes apresentassem palpitações intensas, transitórias, acompanhadas de extremo desconforto, Da Costa não identificava problemas físicos no coração desses homens, imaginando então tratar-se de uma irritação provocada pela tensão da guerra. Focados no aspecto corporal, contudo, os médicos não fizeram o raciocínio que hoje parece banal: um sistema de alarme existe para sinalizar uma situação e, em seguida, ser desligado. Ouve-se o disparo, foge-se ou luta-se, e está feito. A guerra, no entanto, mantém o sistema em contínua prontidão; além de não dar trégua para os sensores de ameaças, o sujeito não consegue

resolver a parada: não consegue livrar-se definitivamente do perigo nem fugindo nem lutando. Não parece improvável que esse cenário desregule todo o aparato, mas à época não era tão claro. Foi com Freud, influenciado por esses trabalhos, que finalmente os sintomas físicos foram associados ao quadro: vertigens, aceleração cardíaca, diarreia, tudo passou a ser atribuído a "ataques de ansiedade", que Freud denominou "equivalentes de angústia" – para ele, os sintomas eram motivados por conflitos psicológicos.

Mas a humanidade parece um camponês bêbado que, depois de cair do cavalo pelo lado esquerdo, cai pelo lado direito, como descreveu Lutero, e a partir daí o aspecto biológico dos ataques de ansiedade ficou negligenciado por anos, sendo atribuído apenas às neuroses diversas. Uma nova oscilação do pêndulo só viria a ocorrer décadas depois, em Nova York, e quase por acaso.

Em fins dos anos 1950, a psiquiatria experimentava uma revolução – pela primeira vez começavam a surgir medicamentos específicos para os sintomas mentais. Os manicômios, calcula-se, perdiam dois terços da clientela, e os deprimidos começavam a ver o mundo em cores, coincidentemente na mesma época em que a TV passava a transmiti-las. Mas, na Universidade Columbia, o psiquiatra Donald Klein andava decepcionado com uma medicação antidepressiva que parecia não fazer tanto efeito. Até que as enfermeiras, que, ao contrário dos médicos, convivem o dia todo com os pacientes, relataram que eles estavam menos angustiados com aquele remédio. Aprofundando-se nessa observação, Klein notou que havia uma diferença entre a ansiedade constante e os ataques de ansiedade, que melhoravam com o remédio em teste, retomando então a visão biológica da ansiedade súbita. Foi ele quem introduziu, de uma vez por todas, a nomenclatura "ataques de pânico" na literatura médica. Buscando diferenciar tais ataques daquela ansiedade crônica, lembrou-se de ter lido sobre "ataques de pânico" num texto de Freud. Na verdade, ele se confundiu, pois o texto falava em "estado de pânico"; e mesmo assim era uma tradução indevida de "*attaque d'angoisse*" (ataque de ansiedade, já que Freud escrevera esse texto em francês), só corrigida na edição seguinte do livro. O nome, não obstante, vingou, mostrando que não é só o debate filosófico que se alimenta de erros de tradução.

Mas a sombra da angústia parece imune às idas e vindas biológicas ou psicológicas das crises de pânico: a despeito da teoria da vez, a incapacidade – física ou mental, pouco importa – de suportar uma situação que produza a angustiante sensação de acuamento sempre foi levada em conta.

Talvez aqui tenhamos uma chave para compreender por que é tão comum que as crises surjam no começo da vida adulta. A perspectiva do fim definitivo de uma era de responsabilidades mínimas pode ser um peso maior do que se imagina: "A infância é curta e a maturidade é para sempre", como justifica Calvin para o tigre Haroldo ao desistir de fazer a lição de casa para ir brincar na neve.

Essa angústia diante do crescimento é soberanamente ilustrada por Joseph Conrad numa de suas últimas novelas, carregada de elementos autobiográficos. "É um privilégio do começo da juventude viver adiante de seus dias, em toda a bela continuidade de esperança que não conhece pausas ou interrupções. Fecha-se atrás de si o pequeno portão da mera meninice – e adentra-se um jardim encantado", diz o protagonista logo no começo do livro. "E o tempo, também, caminha – até que se percebe logo adiante uma linha de sombra avisando-nos que também a região da mocidade deverá ser deixada para trás."[1] *A linha de sombra* é a história dessa travessia.

Sem motivo aparente, o narrador desiste de um bom emprego num navio – sem outra proposta, sem trabalho alternativo em vista. Um tédio, uma insatisfação inexplicada o leva a abandonar o barco, o que ele mesmo atribui à fase que vive: "O verde mal do fim da juventude desceu sobre mim e levou-me embora", raciocina. Mas, enquanto decide o que fazer, é convidado para capitanear seu próprio navio, assumindo o mais alto posto de uma embarcação comercial. A oportunidade única o toma de emoção; ele aceita imediatamente a nomeação, mas ao mesmo tempo sente seu impacto: "Tive uma vertigem, não há dúvida, e senti um peso nos ombros como se eles tivessem crescido [...]. Iniciava minha carreira."

Embarca com alguns marujos ainda doentes das febres tropicais que o comandante espera ver curadas ao se lançarem ao mar, longe das quentes e insalubres terras orientais, mas uma calmaria inesperada impede que a embarcação siga o curso na velocidade pretendida, praticamente freando a progressão da viagem. Outros marinheiros começam a adoecer, o navio não avança, e descobre-se não haver a bordo medicação para os doentes. Na tentativa vã de aproveitar alguma brisa que impulsione a nau, o comandante fica quase duas semanas sem dormir, no convés, angustiado a ponto de perder a lucidez. "Havia momentos em que eu sentia não só que iria enlouquecer, mas que já tinha enlouquecido", sintoma frequente nos transtornos de ansiedade, diga-se. No diário que manteve durante esses contratempos, o personagem anota que os 15 dias desde a partida pareciam 15 séculos: "Me parece que toda a minha vida antes daquele dia momentoso é algo infinitamente remoto, uma

1. Estas e outras citações são de Joseph Conrad, *A linha de sombra*. Trad. Maria Antonia Van Acker. São Paulo: Biblioteca Folha, 2003.

lembrança de juventude despreocupada que vai se apagando, algo do outro lado de uma sombra".

Enfim, são resgatados e levados de volta à terra, praticamente só ele se encontrando fisicamente são em toda a tripulação. A passagem fora feita – embarcara moço e retornara homem, acreditava: "Eu me sinto velho. E devo estar. Todos vocês aqui em terra me parecem um bando de rapazolas levianos que nunca souberam o que é uma preocupação na vida."

Conrad retrata o amadurecimento num tempo condensado, mas não deixa escapar os elementos fundamentais do processo: embora possamos estar acompanhados, essa travessia é uma vivência profundamente individual. A ansiedade que o acompanha é na verdade uma emoção mista, composta de expectativa, angústia, insegurança e medo – talvez numa intensidade que beira a loucura. E, mais significativo, é uma jornada estática, que não leva a nenhum lugar geograficamente distinto – fica-se praticamente onde está, por vezes totalmente parado; a passagem é mental, psicológica, espiritual até, sem requerer nenhum deslocamento. A maturidade não está em outro lugar, mas em outro estado.

Essa angústia, contudo, termina com o fim do rito. A angústia de não saber o que se encontrará após a linha de sombra ao mesmo tempo em que tudo ou nada pode acontecer. Quando se chega do outro lado, as expectativas diminuem bastante. É como Luis Fernando Verissimo se refere ao início da meia-idade: "Seus 40 anos, naquela idade em que já sabe que nunca será o dono de um cassino em Samarkand, com diamantes nos dentes, mas ainda pode esperar algumas surpresas da vida, como ganhar na loto ou furar-lhe um pneu".

Apesar de o lado de lá ser bem mais tranquilo do que se imagina, essa insegurança faz com que cada vez mais a sociedade tente empurrar para a frente essa linha de sombra. Temerosos do que será enfrentá-la, adia-se o quanto possível aproximar-se da penumbra, negligenciando a preparação para esse período inevitável. Mais cedo ou mais tarde, a vida cobra a fatura, e o preço de fingir que essa hora pode ser evitada é chegar lá despercebido, sucumbindo em crises de pânico no momento fatal.

Quem mais sofre com isso são os *kidults*, neologismo que poderia ser traduzido como criançadultos, uma geração inteira que se recusa a crescer, como se Peter Pan tivesse se tornado guru de uma nova seita para a qual não faltam discípulos. O número crescente de adultos que compra brinquedos, masca "chicle de bola" e ouve músicas infantis inspirou publicitários americanos a criar o termo "peterpandemônio", tão disseminado é o fenômeno. Segundo eles, emissoras exclusivas de desenhos animados e fabricantes de brinquedos já perceberam que seu público alvo é composto em grande parte por adultos, pessoas que "buscam produtos que lhes deem a sensação de serem reconfortadas. Elas querem experiências sensórias que lhes tragam de volta uma fase da vida mais inocente e mais feliz: a infância", afirmam.

Ingressando na carreira profissional vindos de um contexto em que podem postergar escolhas definitivas, são adultos que se recusam a sair da casa dos pais, evitam compromissos de longo prazo e não querem assumir grandes responsabilidades. O apego a essa fase de imaturidade em que se podem abandonar as tarefas para ir brincar, como Calvin fez com Haroldo, se reflete numa infantilização dos hábitos e consumos dessa geração.

Há quem creia ser apenas uma jogada do mercado: crianças são mais fáceis de enganar em suas demandas, enquanto adultos aprendem a adiar gratificações e lidar com a frustração. Adolescentes e jovens são, por isso, o grupo ideal para se fomentar o desejo por consumo: não aceitam substituições ou barganhas tão facilmente como as crianças, nem se conformam com o não como os adultos. Se for possível manter tais características até o momento em que eles começam a ganhar seu próprio dinheiro, cria-se então o consumidor perfeito. Talvez também por isso a adolescência seja estimulada a começar cada vez mais cedo.

Na contramão dessa hipótese, considera-se que a crise econômica global, com suas restrições ao consumo e menor empregabilidade, também contribui para o atraso do processo de amadurecimento – inseguras quanto ao futuro, as pessoas optam pela estabilidade da casa paterna. Como se antes da crise fosse frequente ir morar sozinho ganhando rios de dinheiro.

Como qualquer fenômeno social e psicológico, explicações únicas totalizantes tendem a não dar conta do recado. Afinal, há sinais de infantilização da sociedade que resistem a qualquer explicação econômica, como os adesivos de carro que pulularam no país há pouco tempo. Em traços de crianças pré-escolares, papai, mamãe e filhinhos apareciam em desenhos junto de seus bichinhos de estimação. Ou ainda, e provavelmente mais significativo, o enigmático sumiço dos pelos pubianos nas representações do nu feminino – analisando a *Playboy* nos últimos sessenta anos, confirmou-se a tendência de retratar as mulheres de forma cada vez mais pueris, magras, com quadril estreito e com vulva pouco definida, semelhante a pré-adolescentes. Não é apenas a economia. "O senso de desespero que cerca a identidade adulta ajuda a explicar por que a cultura contemporânea tem dificuldade em traçar uma linha divisória entre a infância e a idade adulta", diagnostica o sociólogo Frank Furedi. A dificuldade de encarar a linha de sombra, diria eu.

Seja qual for a explicação, o fato é que não se pode fugir da travessia. Mesmo querendo esticar a irresponsabilidade até o limite, a não ser que se opte por ter uma existência inteira com a riqueza interna de um colegial, chega um momento em que se há de cruzar um limiar. Do lado de lá, encontra-se a necessidade de assumir compromissos e honrar a palavra, de criar responsabilidades e sustentá-las, de deixar para trás a inocência de que um mundo infinito de possibilidades se estende à nossa frente. Seria mais produtivo ensinar isso às pessoas do que tentar ajudá-las a evitar esse momento.

Não por acaso, pode surgir o pânico nessa hora: é o velho sistema de alerta entrando em ação. Há perigo à frente. Perigo de fazer escolhas erradas. Perigo de que sejam irreversíveis. E o corpo sinaliza o que a mente percebe – as possibilidades só são infinitas até o momento em que precisamos escolher. É aí que quem viveu como se esses perigos não existissem, e com isso deixou de ajustar o limiar de seu alarme interno, pode sucumbir com a sensação de morte iminente e de perda do controle. A espichada infância termina de modo mais traumático do que se poderia obter com uma transição gradual, aumentando a angústia da qual se queria fugir. O tempo é inexorável no fim das contas, e mesmo virando a cabeça para o outro lado e se recusando a vê-lo passar, como afirma o filósofo católico Paul Landsberg, "a presença do passado aumenta, enquanto as possibilidades do futuro se restringem. O homem se sente cada vez menos livre; cada vez menos em condições de transformar o sentido da sua vida pela formação do futuro." Realmente há perigo à frente.

Certamente o medo de crescer não é a única causa da síndrome do pânico. Mas seu caráter imprevisível, podendo acontecer a qualquer hora ou em qualquer lugar, provocando pavor tanto de ficar sozinho como de estar na multidão, emprestam-lhe certo ar de medo de tudo, da vida. Talvez seja em parte medo de construí-la.

A linha de sombra da vida pode ser assustadora. Fazer escolhas erradas pode ser aterrorizante. Mas quem faz a travessia normalmente não se arrepende da calmaria que encontra do lado de lá. Viver como se fosse possível fugir desse processo, contudo, tem levado inutilmente ao prolongamento de uma fase transitória. Com isso, além de não se fugir da angústia do crescimento – que mais cedo ou mais tarde se impõe –, ainda se perde a chance de se preparar para o inevitável.

Seria bom saber disso de antemão. Mais cedo ou mais tarde, todo mundo descobre que dentro da casa de doces mora uma bruxa. O que fazer depois disso, no entanto, depende muito do quanto se está preparado para fugir floresta adentro.

DANIEL MARTINS DE BARROS (1976) é psiquiatra do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas (IPQ-HC) e professor colaborador do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP, onde coordena o Núcleo de Psiquiatria Forense. Doutor em ciências e bacharel em filosofia, ambos pela USP, escreve no Portal Estadão.

A poética das frestas

VANESSA C. RODRIGUES

No dia em que começou o fim da minha infância, eu estava embaixo da mesa da cozinha. Eu estava embaixo da mesa com meu irmão mais novo e com minha mãe apavorada com a tempestade lá fora, que de tão forte parecia balançar nossa casa de madeira velha. Eu não temia os desastres que ela temia. Na verdade eu sentia mesmo um pouco de vergonha e pena pela mulher adulta que tinha tanto medo de chuva que se escondeu com os filhos numa toca ridícula e inútil, uma mesa de fórmica onde ainda restavam os pratos sujos do jantar. Desde então nunca mais me senti segura só por estar com minha mãe, e comecei a me dar conta de que aquela casa não cumpria suficientemente o propósito de proteger uma família.

O vento entrava pelas frestas dos sarrafos e as janelas balançavam. Para piorar, trovejava muito, e a cada clarão de relâmpago eu via o pavor aumentar nos olhos de minha mãe. Se eu já entendesse um pouco melhor do mundo, coisa que meus oito anos não permitiam, abraçaria minha mãe, diria a ela que ia ficar tudo bem, era só a chuva lá fora, tudo passaria muito rápido. Mas o que restou dessa experiência, além de um tipo familiar de solidão, era o desejo de ter mais coragem quando chegasse a minha vez de ser adulta.

Essa casa era muito pequena e muito velha. Era uma dessas casas típicas do Sul, feita de tábuas, sarrafos e frestas, entregues pelo tempo a uma imensidão de cupins. A madeira era oca em muitos pontos, os túneis que os insetos percorriam eram cobertos por uma finíssima camada de tinta ressecada. Não era difícil abrir um buraco na parede só de empurrar o dedo sobre ela.

Desde que meus pais alugaram aquela casinha, a porta da frente nunca teve uma fechadura que funcionasse, não era possível trancá-la. A casa não

tinha chave, a porta ficava apenas encostada. Não fossem as delicadas paredes, estaríamos completamente expostos a todos os perigos da noite, a todos os perigos da vizinhança, que não precisariam de muito esforço se quisessem mesmo conferir o que se passava ali dentro.

Essa é a casa de minha infância e, apesar de tudo de que tomei consciência desde a noite em que entrei debaixo daquela mesa, é o lugar onde me refugio de vez em quando, mesmo sendo uma cabana de paredes translúcidas e fracas onde não é possível relaxar todos os sentidos.

Revisitei o terror dos olhos de minha mãe nos olhos de Hillé, protagonista de *A obscena senhora D*, romance de Hilda Hilst que li sem entender muito bem e de um fôlego só no começo de minha adolescência. Era preciso arranjar cantos mais seguros, elegi os livros. E se minha mãe, assim como Hillé, nunca mais saísse de seu canto, se seus medos a paralisassem também, se a fizessem ver o que ninguém mais via? E se me minha mãe se mudasse para o vão debaixo da mesa, assim como Hillé se mudou para o vão debaixo da escada? Quando li pela primeira vez esse livro, não me foi difícil entender o sentimento de aconchego de um canto da casa, principalmente nos tempos de terror ou tempestade.

Mas, apesar da similitude do refúgio, eram de outra natureza os medos de Hillé. Não era medo da chuva, nem do vento, nem o medo de ver a casa cair sobre sua cabeça ou de estar sozinha à noite com dois filhos pequenos e ter de protegê-los quando não se consegue força nem ao menos para fingir estar segura. Quando Hillé resolveu se esconder no vão da escada, ela já não se achava capaz de tocar em um mundo que desconhecia. De tanto se perguntar pelo ser das coisas, Hillé foi se preenchendo de lacunas, até que o oco resultante desse acúmulo se tornasse insuportável. E ali, encolhida no vão da escada, era o único lugar que conseguia ocupar. Tudo piorou quando Ehud, seu marido, morreu. Era ele que tentava resgatar Hillé desse estado quase obsessivo de questionamento.

Mas era preferível, assim eu achava, temer o mundo e suas transcendências e se esconder pelo excesso de questionamentos filosóficos e metafísicos a se encolher por causa do vento. No entanto, curioso isso de duas histórias tão diversas escolherem cantos apertados dentro de casa para se esconder e se proteger do que ninguém mais compreende. No caso de minha mãe, a chuva que ela temia era muitíssimo real, molhava o lençol da cama pelas frestas da veneziana e fazia piscar a lâmpada da cozinha, mas dava aos outros moradores da casa medos menores. Do mesmo modo, a ninguém é fácil encontrar respostas a respeito do azul ou de Deus, ou da morte, mas todos seguem suas vidas mais ou menos sem se lembrar dessas dúvidas, mais ou menos sem se dar conta delas. É que essas duas mulheres (ou melhor, essas duas personagens) temiam não apenas o que conseguiam expressar, mas aquilo que guardavam. Nunca saberei o

tamanho da tempestade que caiu no coração de minha mãe naquela noite.

Em *A poética do espaço*, Gaston Bachelard dedica todo um capítulo aos cantos. Nesse ensaio, Bachelard fala a respeito da essência da casa, da essência do morar, da proteção, desse "não eu que protege o eu". Sem a casa, diz ele, o homem seria um ser disperso. Pela casa, somos enraizados no mundo. A casa, feito planta, sustentada pelo porão, cresce em direção ao céu. O ápice, o sótão. É nela que nos sentimos seguros. Ao mesmo tempo, ela nos representa, imita nossa própria verticalidade (*Homo erectus*).

E a casa se desdobra em outros espaços. Gavetas, armários, cofres – espaço de intimidade e de segredo. Escadas que só sobem (que levam à racionalidade do sótão), outras que só descem (aquelas que conduzem à loucura enterrada do porão). E, finalmente, cantos: "Com efeito, não encontramos nas próprias casas redutos e cantos onde gostamos de nos encolher?".[1]

1. Gaston Bachelard, *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, p. 21.

O vão da escada é o canto escolhido por Hillé, a obscena senhora D – D de derrelição, de desamparo. Há tanto tempo buscando o sentido das coisas, a senhora Hillé ficou demente e passou a viver em seu claustro doméstico, preenchendo o vazio do espaço sem utilidade com o próprio vazio, o de alguém que nunca encontrou respostas:

"Desamparo, Abandono, desde sempre a alma em vaziez, buscava nomes, tateava cantos, vincos, acariciava dobras, quem sabe se nos frisos, nas torçuras, no fundo das calças, nos nós, nos visíveis cotidianos, no ínfimo absurdo, nos mínimos, um dia a luz, o entender de nós todos o destino, um dia vou compreender, Ehud."[2]

2. Hilda Hilst, *A obscena senhora D*. São Paulo: Globo, pp. 17-18

Quem sabe se no vão da escada, nesse espaço oco, estivessem as respostas de Hillé. Adverte, no entanto, Ehud:

"Senhora D, é definitivo isso de morar no vão da escada? você está me ouvindo Hillé? olhe, não quero te aborrecer, mas a resposta não está aí, ouviu? nem no vão da escada, nem no primeiro degrau aqui de cima, será que você não entende que não há resposta?"[3]

3. *Ibidem*, p. 19

O canto é o lugar da imobilidade. É lá que ficam os objetos esquecidos, nos cantos o tempo se materializa nas camadas de poeira que cobrem o brinquedo em que ninguém mais mexe. O tempo está nos galhos das árvores que se quebram com o vento forte, também nos movimentos menores, na

falência paulatina e insistente do corpo, e se acumula nos cantos da imobilidade. Hillé não sai daquele vão da escada, vive em meio à imundície, da sujeira que se acumula. Ela se curva, seu corpo mimetiza a inclinação do avesso da escada. "Sendo girafa do vão da escada encolho, franzina me agacho."

Quando Hillé interage com o mundo, é com máscaras terríveis que aparece na janela de casa, máscaras monstruosas, que assustam. Ela precisava delas para enfrentar os vizinhos que a agrediam, precisava se proteger com máscaras de segurança e ferocidade para mostrar-se forte e imune (e, penso agora, não era exatamente isso que eu esperei de minha mãe naquela noite? Não era justamente uma máscara de segurança que eu esperava dela em vez daquela demonstração sincera de fragilidade e covardia?).

"Antes havia ilusões não havia? Morávamos nas ilusões. Ehud, e se eu costurasse máscaras de seda ajustadas, elegantes, por exemplo, se eu estivesse serena sairia com a máscara da serenidade, leve, pequenas pinceladas, um meio sorriso, todos os que estivessem serenos usariam a mesma máscara, máscara de ódio, de não disponibilidade, máscaras de luto, máscaras de não pacto, não seria preciso perguntar vai bem como vai etc., tudo estaria na cara."[4]

4. *Ibidem*, pp. 24-25.

Hillé enlouqueceu porque de certa maneira, em algum momento do passado, percebeu que viver é morrer. Disso vieram suas dúvidas. Sua exacerbada consciência de estar viva a levou à demência.

"Também não compreendo o corpo, essa armadilha, nem a sangrenta lógica dos dias, nem os rostos que me olham nesta vila onde moro, o que é casa, conceito, o que são pernas, o que é ir e vir, para onde Ehud, o que são essas senhoras velhas, os ganidos da infância, os homens curvos, o que pensam de si mesmos os tolos, as crianças, o que é pensar, o que é nítido, sonoro, o que é som, trinado, urro, grito, o que é asa hen? Lixo as unhas no escuro, escuto a mim mesma, há uns vivos lá dentro além da palavra, expressam-se mas não compreendo."[5]

5. *Ibidem*, p. 21.

E de que terrores incompreensíveis se escondia minha mãe? Teria medo de morrer, seria isto, um compreensível medo da pior das tragédias, de sentir dor enquanto as vigas moles da casa desabassem sobre ela e seus filhos? Teria medo de perder tudo aquilo que guardou com esmero durante sua vida, de que chovesse sobre a colcha de sua cama, sobre seu sofá vermelho, que o vento arrastasse seus

objetos amados? Ou era da absoluta superioridade da natureza e de sua suscetível condição diante dela que minha mãe se escondia no vão da mesa? Por que motivo se enrolava sobre si mesma como um filhote indefeso no escuro? Que terrores ancestrais a atormentaram naquele período?

Senhora D, "doce curva comprimindo uma haste, verticalidade sempre reprimida", andava curvada. Ela parecia se recolher, entrar em si mesma como os moluscos entram para se proteger nas conchas que carregam consigo, suas conchas que são eles ainda. Nunca mais olhou para a frente porque se perdeu um dia na imensidão do seu de dentro.

O imenso está em nós, diz Bachelard. O imenso é o movimento do homem imóvel, daquele que se perde parado nos cantos. E é incompreensível e por isso assusta, e talvez para amenizar a angústia dessa amplitude seja tão necessário se encolher.

Era verão, e a chuva passou depois de meia hora. O silêncio era reconfortante enquanto saíamos de debaixo da mesa, mas logo ficou insuportável. Não trovejava mais, e pudemos ligar a televisão.

VANESSA C. RODRIGUES (1984) é formada em letras pela Universidade Federal do Paraná. Publicou alguns contos em revistas, como a *Arte e Letra: Estórias*, participou da antologia *Fantasma civil*, parte da programação literária da X Bienal Internacional de Curitiba, e publicou ensaios no jornal *Rascunho*. Atualmente, vive em São Paulo, onde trabalha como preparadora de texto.